



Cs Brahmanes

O *Brahmanismo* é a religião que professa a grande maioria dos habitantes do Indostão; deriva-se de *Brahma*, que é, entre elles, o nome da divindade suprema. Ainda não tem decorrido um grande numero de annos depois que os homens começaram a occupar-se seriamente da historia religiosa e litteraria da India; assim, apesar dos esforços perseverantes dos sabios inglezes, francezes e allemães, estamos ainda longe de possuir um conhecimento completo do Brahmanismo e das diversas phases que tem percorrido esta antiga religião.

O Brahmanismo teve, certamente, sua origem n'esse immenso e magnifico valle regado pelos rios Djumna e Ganges; mas a época da sua aparição tem sido muito controvertida e não se pôde estimar senão por approximação. Entre os livros sagrados da India, o mais antigo é o *Rig-Vêda*: ora, a este livro está annexo um calendario astronomico que o celebre Colebrooke attribue ao seculo XIV antes da nossa era; tem-se, pois, podido concluir, com alguma probabilidade, que a redacção d'este livro remonta a dezeseis ou

dezeseis seculos antes de Jesus Christo. Quanto ás pretensões dos Brahmanes, ellas não podem sustentar o exame quando se compara a sua fabulosa chronologia com a chronologia positiva da Escriptura Sagrada.

Os principaes livros sagrados da India e os mais antigos, são os *Vêdas*, em numero de quatro: o *Rig-Vêda*, o *Yadur-Vêda*, o *Sama-Vêda* e o *Atharva-Vêda*. O primeiro é uma collecção de hymnos; o segundo compõe-se de orações em prosa; o terceiro, de orações para serem cantadas, e o quarto contém apenas algumas formulas de consagração, imprecações e sortilegios. Este é, evidentemente, o mais moderno dos quatro. Depois dos *Vêdas*, veem dezoito livros chamados *Pouranas* ou commentarios, que são d'uma época sensivelmente mais recente. Cada *Pourana* abraça cinco assumptos: a criação do mundo, seus progressos, sua renovação pelo diluvio, a genealogia dos Deuses e dos heroes, a chronologia, a historia dos heroes e uma cosmogonia. Os *Pouranas* foram, segundo os Indios, inspirados a *Vajasa*, o compilador dos *Vêdas*. Uma compilação das *Brahma-*

nas, ou preceitos dogmaticos dos Védas, conhecida pelo nome de *Oupanichads*, é contada igualmente no numero dos livros sagrados.

O *Manava-Dharma-Sastra* ou *Leis de Manu*, é um monumento que os Brahmanes consideram como divinamente inspirado. Este livro, tal como hoje existe, está escripto em verso, e compõe-se da 2:685 *slocas* ou disticos. O estylo d'este codigo tem um caracter manifestamente mais antigo que todos os outros livros indios, á excepção dos Védas. Entre os personagens que se encontram ali citados, nenhum parece posterior ao seculo XII antes da nossa era. E', com os Védas, o monumento mais authentico do Brahmanismo. E' preciso, porém, notar que n'este livro, não se faz menção alguma da Trindade india, e que Vischnu e Siva, que, com Brahma, constituem este trio divino, não são nomeados em Manu senão uma unica vez, e de passagem. Além d'isso, nenhum papel desempenham no systema de criações e destruições successivas do universo exposto n'esta obra. Emfim, os indios, embora os não considerem revelados, consagram o maior respeito ás duas epopéas sanscritas, intituladas *Ramayana* e *Mahabharata*.

Mas qual é a natureza da religião brahmanica? Os sabios que, mais cuidadosamente, tem estudado a origem e o desenvolvimento do brahmanismo, estão mui longe de concordarem n'este ponto. Uns pensam que a antiga doutrina da India é um verdadeiro monotheismo; outros consideram-na como um polytheismo mui complexo; muitos, emfim, olham-na como um pantheismo mal disfarçado sob apparencias polytheistas.

O mais antigo dos livros sagrados do brahmanismo, o Rig-Véda, pertence evidentemente a uma crença e a um culto polytheistas. Acham-se ali os nomes de trinta e tres divindades, que são, em geral, personificações das forças da natureza. Contudo, ou porque a tradição do culto monotheista primitivo da raça humana se conservasse entre alguns homens, ou porque, entre os redactores dos Védas posteriores, alguns conseguissem elevar-se, por suas proprias forças, á concepção de um Deus unico, encontram-se n'estes livros diversas passagens nas quaes esta concepção está claramente formulada. Tal é esta: «Existe um Deus vivo e verdadeiro, eterno, incorporeo, impalpavel, impassivel, todo-poderoso, sabio, infinitamente bom, que produz e conserva todas as cousas.» Certos philosophos indios, como Ram-mohun-Roy, tem-se valido d'esta passagem para affirmarem, não obstante a multiplicidade das divindades enumeradas nos Védas, que o brahmanismo primitivo é um puro Deismo; mas esta escola tem feito poucos adeptos na India. Todavia, a crença primitiva d'este paiz, ou tenha sido polytheista ou monotheista, apparece-nos, nos Pouranas e no *Manava-Dharma-Sastra*, como um pantheismo confuso, com um cortejo infinito d'emanções, e com um systema de cosmogonia, que não passa de uma traducção exacta da propria doutrina theologica. Ora, como toda a concepção

theologica d'este genero tende necessariamente a uma mythologia interminavel, pela inevitavel personificação de cada uma das emanções divinas, segue-se que, se o brahmanismo é um verdadeiro pantheismo para um pequeno numero de brahmanes, é um puro polytheismo para o resto da população, que toma á letra o ensino contido nas formulas do culto, isto é, nas orações e nas ceremonias exteriores. Além d'isso, os Pouranas e as epopéas indianas não são mais do que um repertorio de fabulas mythologicas dadas como narrativas historicas, e estes livros são os unicos conhecidos da grande massa da população.

(Continua.)

O MICROSCOPIO E O TELESCÓPIO

Da invenção d'estes dois instrumentos

Augmentar o alcance da vista, é alargar o horizonte da intelligencia. Isto é mui facil de dizer hoje, porque sabemos, que a vista armada do telescópio e do microscópio, colloca o homem entre dois infinites. Mas, antes de conseguir este resultado, que de obstaculos não foi preciso vencer! Quantas cousas nos pareceriam impossiveis, como pareciam aos nossos antepassados, se, fazendo abstracção dos conhecimentos adquiridos no intervallo que nos separa d'elles, podessemos, por um momento, pôr-nos em seu lugar! Que dirieis, ha trezentos annos, se um astrónomo, precedendo a sua época, vos dirigisse o seguinte discurso:—Aqueles pontos rutilantes, que se vêem no céu, são tantos centros de mundos, tantos sóes semelhantes ao nosso; e o nosso proprio céu, com todas as suas estrellas reunidas, não é mais que uma pequena nuvem suspensa na immensidade. Que dirieis, se, para servir de apoio ao seu discurso, este singular orador vos mostrasse um tubo de muitos pés de comprimento, tendo, nas extremidades, dois vidros dispostos, pouco mais ou menos, como o ensinára, no seculo XIII, Roger Bacon, e continuasse n'estes termos:—Dirigi este tubo para a parte do céu na apparencia a mais pobre d'estrellas; não tardará muito que não avisteis, em uma incalculavel distancia, atravez de uma brecha da abobada celeste, um clarão estranho, semelhante á luz de uma vela, posta por de traz de uma lamina de osso ou de marfim. Attentai bem n'esse clarão: vereis que é uma multidão de estrellas condensadas, como grãos de arêa em uma pedra.

A nossa abobada estrellada, vista áquella distancia, parecer-vos-hia uma pequenina nuvem redonda, phosphorescente. E o numero d'estes clarões stellares, d'estas conglobações de mundos, é desconhecido.—Supponhamos ainda, que, a estas palavras do astrónomo, viessem juntar-se as de um naturalista que, com outro tubo, mais pequeno, pretendesse mostrar-vos, em uma molecula de pó, em uma gota de agua, uma criação inteira de seres organizados!

Em harmonia com os vossos contemporaneos considerarieis estes dois homens loucos ou impos-

tores. Tel-o-hieis feito, não duvidai, a não se dar o caso de serdes vós mesmo um d'esses eleitos que, enganando-se nas horas, veem, de tempos a tempos, rasgar as trevas. É, atravez dos seculos que os obreiros do pensamento se dão as mãos, para a obra commum do progresso; mas, da sua passagem ephemera, fica um rasto indelevel, a luz que se desprende lentamente do chaos das agitações e das crenças humanas.

Estes dois maravilhosos instrumentos, dos quaes um aproxima os objectos muito afastados, e outro augmenta os objectos mui pequenos para serem vistos a vista desarmada, o telescopio e o microscopio, em que época, tem-se muitas vezes perguntado, foram inventados? Questão não resolvida, porque tem sido mal assente. Tem-se feito sabias dissertações para provar que a origem d'estes instrumentos remonta ao começo do seculo XVII, e que a invenção do microscopio precede alguns annos a do telescopio, que, dirigido pela primeira vez para o céu em 1610, fez descobrir a Galileo os quatro satellites de Jupiter.

Mas o uso de um instrumento não coincide necessariamente com a data da sua invenção; esta, muitas vezes, tem tido lugar muito tempo antes. Os inventores não tiveram no passado mais de um motivo serio para occultar os seus segredos? Vêde o frade Roger Bacon! Expulso do convento, encarcerado como magico, era preciso que fosse muito desgraçado para exclamar, no seu leito de morte, que os homens não mereciam que se occupassem do seu adiantamento. Ha alguns seculos, era, em geral, mais prudente guardar o segredo de uma invenção scientifica, do que vantajoso divulgá-la.

Estas considerações levam-nos a crêr que o microscopio e o telescopio eram conhecidos muito anteriormente ao seculo XVII, e que se tomou por época da sua invenção o momento a partir do qual o seu conhecimento não podia continuar a ser ignorado do publico. A narrativa de Jeronymo Sirturus, sabio milanez, que viajava em 1609 na Hollanda, vem em apoio da nossa opinião. Um desconhecido, diz elle, apresentou-se um dia em casa de Lippersheim, celebre fabricante de oculos, e encommendou-lhe muitas lentes concavas e convexas. No dia marcado foi buscal-as, escolheu duas, uma convexa, outra concava, applicou-as á vista, experimentou-as aproximando ou afastando uma da outra, sem dar a conhecer o fim d'este exame, pagou e desapareceu. Lippersheim repetio immediatamente o que vira fazer, e conhecendo o augmento produzido pela combinação das duas lentes, adaptou-as ás extremidades de um tubo e offereceu este novo instrumento ao principe Mauricio de Nassau. Foi com um oculo d'este genero de que se servio Galiléo.

Está reconhecido que toda a descoberta importante tem os seus signaes percursos. É, para nos servirmos do dito de Arago, uma *força* que absorve ou concentra uma multidão de factos isolados; é a brilhante aparição de muitos ensaios, que, até o momento, tem vivido na sombra.

A luz. O angulo visual. A gradação

Os antigos deram-se a um grande trabalho para saber se o que se chama *luz*, é materia, força ou movimento. Mas, de todas as suas hypotheses, só restam, como dignos de serem conservados, os princípios seguintes, deduzidos dos factos que estão ao alcance de todos.—Em um centro homogeneo, a luz propaga-se em linha recta; o seu angulo d'incidencia é igual ao angulo de reflexão; passando de um centro homogeneo para um centro differente, desvia-se da recta, destroe-se, de fórma que o angulo de separação deixa de ser igual ao angulo d'incidencia.—Mas em que relação estão estes dois angulos entre si? Eis o que todos os physicos ignoravam até Descartes, que demonstrou que os angulos d'incidencia e de refração estão em relação constante. Tambem se havia reconhecido cedo que a distancia e a grandeza dos objectos percebidos são apparentes, mas que é necessario o concurso de alguma-cousa superior ao sentido para distinguir a apparencia da realidade.

Ninguem se enganará sobre a grossura de uma bomba, comparada com a cabeça de um alfinete, se se olhar uma e outra em igual distancia. Mas a bomba afastando-se da vista, pôde tornar-se tão pequena como a cabeça de um alfinete e acabar mesmo por desaparecer inteiramente. É o que acontece quando ella subtende um angulo menor de um minuto; por outros termos, quando os raios luminosos, partindo das extremidades do objecto, veem reunir-se na vista sob um angulo mais pequeno que a 60.^a parte de um grão, ou do que a 3400.^a parte de um angulo recto. O angulo subtense pelo objecto que se pintou na vista chama-se *angulo visual*. Ora, a experiencia ensina que o angulo subtense será duplo se a distancia primitiva estiver reduzida a metade; será triplo se a distancia estiver reduzida a um terço, etc. Assim a vista, collocada successivamente em *b*, em *c*, etc., verá o mesmo objecto, *d e*, duas, tres vezes, etc., maior que em *a*.

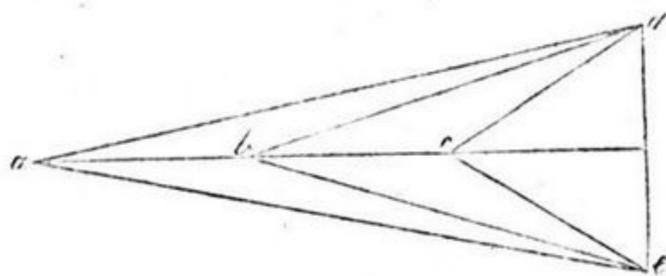


Fig. 1

Existe um meio simples de augmentar os objectos: consiste em observal-os de muito perto. Mas, esta mesma proximidade, tem limites. Exercida de muito perto a visão é tão confusa como se fosse exercida de muito longe; é preciso que o objecto esteja collocado no ponto para ser visto distinctamente. Este ponto, que mede a extensão da vista normal é de 20 a 25 centímetros: além a vista é *presbyta*; áquem é *myope*.

É util o individuo construir propriamente um microscopio. A gota de agua. O olho do coelho.

O crystallino e o globulo de vidro. Anecdota singular.—«Se quereis, dizia um dia um habil optico, se quereis conhecer o microscopio e contribuir para o seu aperfeiçoamento, fazei-vos constructor; diligenciai construir, vós mesmo, um, para vosso uso; deixai, provisoriamente, as vossas theorias e os vossos calculos, que não serviriam senão para embaracarem as vossas primeiras experiencias. Contentai-vos, primeiro, com uma pequena força amplificante, e depois ireis, gradualmente, até um augmento de 300 vezes; e raro passai além: com maiores ampliações perdereis em luz e em clareza, cousas tão necessarias para as boas observações.»

Mas, como se fabrica um microscopio? A primeira cousa que ha a fazer, tanto n'este como em todos os outros casos, é distinguir o accessorio do principal. O accessorio, é a armação, o tubo, com os seus brilhantes enfeites; enfim, o que atrabe, mais depressa, os olhos do profano. O principal, são as lentes; eis de que é necessario, primeiro, occupar-se o individuo.

Nos vossos passeios matutinos, não passeis indifferente por uma perola de rocio. Os objectos, vistos atravez d'essa perola, não parece que estão augmentados? Observai, para vos assegurardes, os grãos de pó ou os veios da folha, sobre a qual a perola está collocada. Que admiravel cousa! Os antigos tinham, certamente, conhecimento d'ella; testemunha-o esta passagem de Seneca:—«Por mais pequena que seja a escripta, parece maior vista atravez de uma bola de vidro cheia d'agua.»

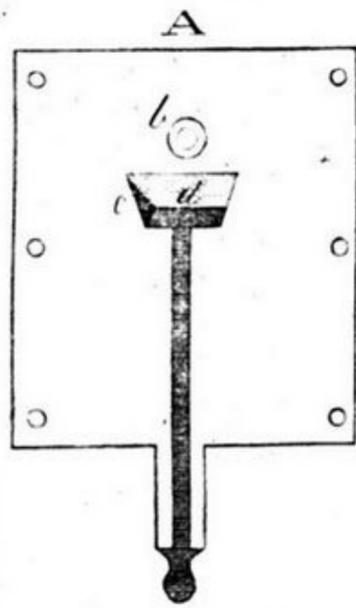
Ja tivestes, caro leitor, a curiosidade de dissecar um olho? A experiencia é facil: o olho de um coelho será sufficiente. A primeira cousa, que vos ha de causar alguma admiração, picando-o, sómente, com a ponta de um canivete, é a grande quantidade de liquido aquoso que d'elle sae. Depois da saída d'este liquido, abri a pellicula com uma incisão praticada na covinha negra (*pupilla*) que rodeia um circulo colorido (*iris*); tres cousas se vos apresentarão ao mesmo tempo: primeiro, uma materia preta, como a tinta da China, *pigmentum* d'uma membrana muito delgada (*choroide*) que forra quasi todo o interior; segundo, uma especie de geleá transparente como vidro (*humor vitreo*); terceiro, uma pequena bola, d'uma certa consistencia, limpida, como a agua de rocha.

Lancemos mão d'este ultimo orgão, que se denomina *crystallino*. Aproximai-o, o mais perto que poderdes, d'uma escripta muito fina; vel-a-heis augmentada, mas os caracteres serão transformados: diremos adiante porque. Eis ahi, o microscopio em toda a sua primitiva simplicidade. É pena que não possa servir por muito tempo; o *crystallino* greta-se, facilmente, logo que se diseca, e perde, pouco a pouco, a sua transparencia. Não desanimeis; substitui-o-heis vantajosamente por um globulo de vidro. Para obter este globulo, não tendes mais do que fundir, à luz de uma alampada, um fio de vidro muito puro. Terá alguma quebra; sereis obrigado a recommençar mais d'uma vez; mas podereis depois, facilmente, es-

colher, de entre as perolas assim preparadas, as que vos parecerem mais perfeitas.

Estes globulos são as lentes do microscopio simples. Era com este genero de lentes que Hooke e Hartsker faziam, no seculo XVII, as suas bellas observações microscopicas. A arte de fundir globulos de vidro foi proseguida, com successo, pelo jesuita napolitano Della Torre, pelos annos de 1770, e levada a um subido grão de perfeição em nossos dias, por Gaudin. É com lentes de crystal de rocha e de vidro d'Inglaterra, meitidas em uma rolha de cortiça, que este homem engenhoso conseguiu construir microscopios de algibeira com uma força augmentativa de 50 a 300 vezes.

Os primeiros observadores fabricaram elles proprios os seus instrumentos, dando-lhes a forma mais simples. Uma lente engastada em uma armação metallica (composta de duas laminas) á qual se

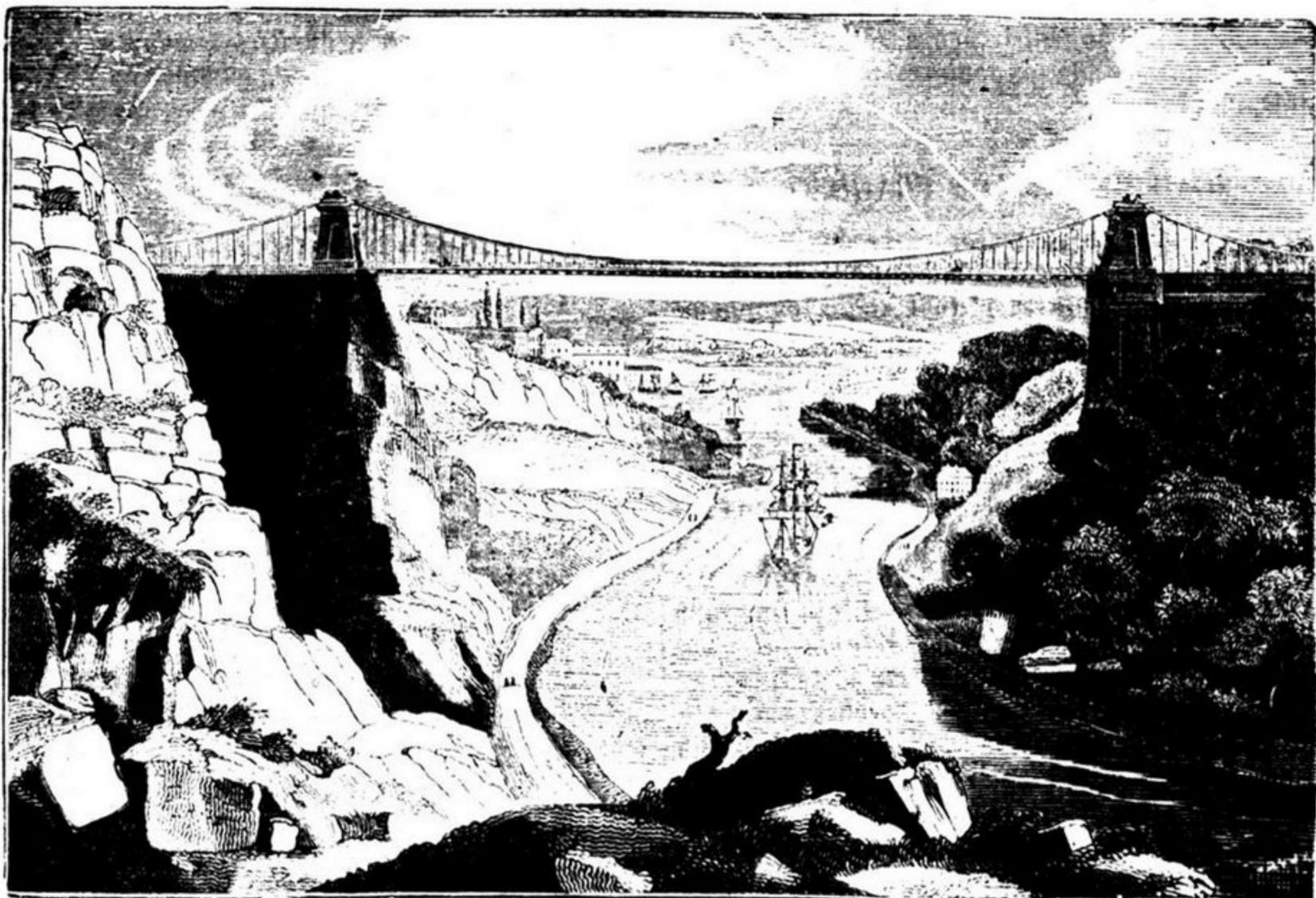


adaptasse o porta-objecto, movido por um parafuso, tal é o microscopio com o qual Leewenhœk fez os seus admiraveis trabalhos micrographicos. E nem mesmo se servia de espelho para dar claridade aos objectos; tinha o seu pequeno aparelho na mão voltando o para a luz do dia ou de uma alampada. A figura junta representa o microscopio, legado por Leewenhœk á Sociedade

real de Londres: *a*, é uma chapa metallica, *b*, a lente, *c*, o porta-objecto.

Os mais antigos microscopios simples, chamavam-se *tumulos* ou *cemiterios dos pequenos animaes*, *vitra pulicaria*, *vitra muscaria*, porque os empregavam particularmente no exame das pulgas e das moscas. Compunha-se de um tubo muito curto (pouco mais ou menos uma pollegada ou tres centímetros de comprimento); em uma das extremidades estava fixada uma lente e na outra um vidro chato, sobre o qual estava collado o objecto que se queria observar. Para ver os insectos vivos, metiam-se no tubo, que tinha a forma de uma caixinha.

Gaspar Schott, na sua *Magia universalis naturae et artes* (Bamberg, 1677), conta, a este respeito, uma historia muito curiosa, que merece ser aqui referida. Um viajante caio doente em uma aldeia do Tyrol e morreu. Antes, porém, de ser enterrado, as auctoridades foram examinar os objectos do desconhecido. Entre estes objectos achava-se um *vitrum policarium*. Era um magico! exclamaram logo todos os assistentes. Em quanto se discutia se se lhe devia dar sepultura, o *maire* lembrou-se de abrir a horrivel caixa. Saio uma pulga. Não ha duvida; é o diabo transformado em pulga, que o magico tinha dentro da caixa. O estrangeiro, a quem a ignorancia privou de sepultura, era um dos mais celebres sabios do seu tempo; chamava-se Scheiner. Voltando d'uma viagem a Hollanda, passara pela Baviera e pelo Tyrol para se dirigir á Austria.



BRISTOL

Ponte suspensa sobre o Avon

Bristol, capital do condado de Somerset, é uma cidade rica, e o seu porto um dos principaes da Inglaterra. Está situada em um valle rodeado de outeiros e serranias sobre o Avon, a cento e oitenta kilometros O. de Londres, e compõe-se de duas partes: cidade velha, anterior quatro seculos á era christã, e cidade nova, bonita e bem construida. As suas praças e ruas, em geral, são espaçosas e elegantes, e encontra-se ali um grande numero de edificios magnificos, taes como, a igreja de Santa Maria de Radcliffe, uma das melhores de Inglaterra, e onde existe uma primorosa estatua de Guilherme Penn; a cathedral, obra do seculo XII, a casa da camara, a alfandega, a bolsa, obra magestosa, fundada em 1810, a universidade, fundada em 1829 e a bibliotheca. Além disso, contém muitos caminhos de ferro, mais de vinte hospitaes e varios estabelecimentos para pobres, dos quaes o principal é o da rainha Isabel.

O commercio de Bristol é immenso; o que não deve causar admiração, por ser terra ingleza, tão vantajosamente situada, e possuir um molhe que, sem exageração, é um dos melhores da Europa, e onde entram annualmente mais de tres mil navios. As industrias tambem ali tem tido um grande desenvolvimento n'estes ultimos annos: possui um grande numero d'estaleiros para construcção de navios de todos os lotes, fabricas de sabão, de louça, de folha de Flandres, de alfine-

tes, de fazendas de lã e de algodão, laboratorios chemicos, fundições de metaes, etc.

Os arrabaldes de Bristol são lindissimos e muito productivos; encontra-se nas montanhas umas pedrinhas que imitam o diamante e que por isso se denominam *diamantes de Bristol*, e as planicies dão muita herva, de que resulta o paiz abundar em gados. Nas margens do canal de Bristol vegeta uma planta marinha de que os habitantes costumam fazer uns bolos, que dizem ser mui saos e nutritivos.

A população da cidade de Bristol, regula por cento e oitenta mil habitantes.

A magnifica ponte suspensa, que se acha representada na nossa gravura, foi construida entre os annos 1805 e 1809, e conservou-se sem a mais leve alteração até 1855, época em que, com espanto geral, desabou repentinamente. Esta ponte, uma das mais bellas que se tem feito n'este genero, já pela sua altura e extensão, já pela construcção e solidez, estava firmada de ambos os lados sobre dois grandes rochedos, denominados de S. Vicente, e era a estrada real, que conduzia á cidade. Para se formar uma idea de semelhante obra, bastará marcar as suas dimensões: altura do estrado da ponte acima do nivel d'agua 240 pés; largura entre os dois pilares de suspensão 700 pés; largura do estrado da ponte entre os passeios 20 pés; dita dos passeios lateraes 6 pés; extensão total da ponte 900 pés; altura dos pilares de suspensão 50 pés. As portas, formadas pelos pilares de suspensão, eram no estylo egypcio e iguaes ás maiores que se conhecem n'este ge-

nero. Os passeios lateraes ficam do lado de fóra das cadêas de suspensão. Por baixo d'esta ponte passavam todas as embarcações que se dirigiam para Bristol, e ainda os maiores navios da companhia das Indias.

JOÃO DE MATTOS FRAGOSO

Muitas, é verdade, a maior parte das suas produções acham-se offuscadas por aquelle resaiço do gosto gongorico, contra o qual todos os poetas clamavam, e a que todos, principalmente Mattos, rendiam tributo, sem duvida por comprazer para com o publico, que devia saber-lhe bem o que não entendia; muitos dos seus argumentos são em extremo disparatados e extravagantes; muitos dos seus caracteres inverosimeis; muitos dos seus raciocinios alambicados e incomprehensíveis. Em troca, porém, d'estes achaques, communs a todos os escriptores d'aquella época, e filhos do mau exemplo de Lope e da sua *Nova arte de fazer comedias*, pode escolher-se uma duzia de produções de Mattos em que campêa o seu grande engenho com mais regularidade e em que brilham os seus dotes poeticos em toda a sua louçania e vigor. Estas comedias são as intituladas: *El sabio en su retiro y villano en su rincon*, *Lorenzo me llamo y carbonero de Toledo*, *El yerro del entendido*, *Con amor no hay amistad*, *La venganza en el despecho*, *El traidor contra su sangre y siete infantes de Lara*, *El galan de su muger*, *Poco aprovechan avisos*, *La dicha por el desprecio* e mais algumas de cujos nomes nos não lembramos agora.

El sabio en su retiro, com especialidade, é a nossos olhos uma produção magnifica; por si só bastaria para engrandecer o nome do seu auctor; a novidade do argumento, a criação do singular caracter de Juan Labrador, a discreta combinação do plano e a poetica belleza do estylo, reunem-se n'esta comedia para fazel-a uma das mais notaveis, se não a primeira do theatro hespanhol de segunda ordem. Não é acaso menos rica em originalidade e engenho a de *Lorenzo me llamo*, nem lhes cedem em combinação e enredo as de mais citadas; mas, como não é possivel n'este artigo descer á sua analyse critica, nem ainda dar uma idéa do plano e desempenho d'ellas, contentar-nos-hemos com o offerecer algumas amostras do estylo poetico, pelas quaes ver-se-ha que se o poeta Mattos adoecia frequentemente da enfermidade do purismo dominante, tambem ostentava ás vezes uma facilidade, uma graça e uma energia de expressão, que o collocam n'este ponto a par dos mais felizes auctores hespanhoes.

Referindo-nos á primeira comedia, *El sabio en su retiro*, ser-nos-hia difficil escolher trechos, raciocinios ou dialogos que dessem a conhecer o seu estylo poetico, porque sendo muito abundantes e extensos corriamos o risco de copiar todo o drama; e tambem porque a principal belleza d'elle consiste na disposição do argumento, no movimento da acção e na lucta animada dos caracte-

res. Bastará dizer que muitas das suas sympathicas scenas não desdizem das mais celebres do *Garcia del castaunar* e do *Rico hombre de Alcalá*, com as quaes tem muita semelhança na situação; especialmente a visita que faz o rei disfarçado ao honrado Juan que toda a sua vida recusou vel o. Não podemos, porém, resistir á tentação de transcrever os conselhos que o mesmo lavrador dá a seu filho quando o manda para a côrte.

A la corte vas, Montano,
rico y mozo, y será justo
que con la sonda en la mano
navegues mar tan profundo.
La primer plana del arte
en que prudente te industrio,
es la virtud, que esta sola
es de todo riesgo escudo.
Mide el gasto con la renta;
no te empenes con recurso
de que al tiempo de la paga
se cumple tambien el juro.
Caudal se llama el talento
y caudal la ciencia; juzgo
que lo tiene solo aquel
que lo tiene todo junto.
Es ruindad el ser escaso;
ser perdido es riesgo sumo;
lo que gastas, te hace falta;
lo que guardas, te hace mucho.
Al fin consiste el acierto
en saberle dar su punto,
de suerte que te conserves
siempre ageno y siempre tuyo.
Con agrado y con sombrero
gana el afecto del vulgo:
se bien quisto, que esto solo
poco cuesta y vale mucho.
Aunque no aplaudas á todos,
no murmures de ninguno;
que lo nota el que te escucha
sin tenerte por mas que uno.
En lo que toca á mugeres
ni te aconsejo ni apuro,
con Constanza eres casado,
que harás lo mejor presumo.
Pero tampoco te quiero
con las damas tan sanudo,
que pase el chiste á desaire,
ni lo cortés á lo rudo.
Acompanarte procura
con hombres de honra y de punto,
que aunque seas tu quien fueres
como los otros te juzgo, etc.

Na do *Carbonero de Toledo*, ainda que menos verosimil e correcta, ha tambem um caracter bello e singular, que é o do aventureiro Lorenzo, elevado por seu valor e generosos sentimentos aos mais subidos cargos da milicia e á nobreza de cavalleiro. Veja-se com que dignidade e energia está representado este caracter nos seguintes versos que o mesmo Lorenzo dirige ao seu general, quando este pretende premiar as suas façanhas com o habito de S. Thiago.

LORENZO... Senor, diciendo verdad,
no tengo mas calidad
ni padre mas generoso,
que este brazo y esta espada.
Soy un pobre labrador
que no tuve mas honor
que el arado y el azada;

pero muy cristiano viejo
 por vida del rey; que no hay
 en las tiendas de Cambray
 cristal de mas puro espejo.
 De esta manera naci,
 si es que la virtud se alaba,
 que como en otros acaba
 mi linaje empieza en mi:
 porque son mejores hombres
 los que sus linajes hacen,
 que aquellos que los deshacen
 adquiriendo viles nombres.
 Hay una gran necesidad
 en el mundo introducida:
 en viendo en alto subida
 la virtud sin calidad,
 todos afrentarla intentan;
 y a los que miran perdidos
 alaban por bien nacidos,
 cuando su linaje afrentan.
 No me dieron a escoger
 padres, gran señor, y asi
 donde quiso Dios naci,
 que por mi comienzo a ser.
 Lo que soy no es heredado;
 que nadie me agradeciera,
 si yo mismo no me hiciera,
 lo que otro me hubiera dado.
 Y no he de volver atrás;
 de hoy mas, con favor de Dios
 lo que fuere, a Dios y a vos
 y a mi lo debo, no mas.

Baste isto para apreciar a elevação de sentimentos, a gravidade do estylo de que mui frequentemente fazia ostentação a penna de Mattos Fragoso. Querendo-se ver tambem a sua extrema facilidade em escrever, a ligeireza, o chiste, a graça da sua expressão comica, leiam-se os seguintes trechos que se encontram nas comedias *Ver y creer*, *El marido de su madre*, *La dicha por el desprecio*, etc.

De limosna y sin dinero
 la barba hacia a un pastor,
 con la navaja peor,
 desazonado un barbero.
 Como la navaja estaba
 com mil mellas que tenia,
 el cabello no partia,
 mas el rostro desollaba.
 Conoció el pastor el yerro,
 y sin poder estorballe:
 en este tiempo en la calle
 daban de palos a un perro.
 «¿Que será aquello?» decia
 el barbero a sus oidos,
 viendo que con alaridos
 el perro los aturdia.
 Respondió el pastor: «Alli,
 a aquel perro que se escarba,
 deben hacerle la barba
 de limosna, como a mi.»

Mira, la fortuna es una
 dama de gallardo cuerpo,
 llena de joyas y galas,
 que causa a todos respeto.
 Esta anda entre los concursos
 mayores del universo;
 y los discretos que ven
 venir con garbo y despejo
 una muger tan bizarra,
 como cortesés y atentos,
 a los lados se retiran
 porque ella passe por medio
 haciendo como entendidos:

y como los majaderos
 no hacen caso ni se apártan,
 y se estan quedos que quedos,
 la fortuna, que va andando,
 es fuerza topar con ellos.

Calla, que no has advertido
 el mal que pasa un marido
 al remo de su muger.
 Si acaso es gorda, no entra
 sin peregil al tragalla;
 si es chica, nunca se halla,
 si es alta, siempre la encuentran;
 si es muy callada, es gran dano;
 si preguntona, cruel;
 si es celosa, digalo el
 que la sufre todo el ano.
 Si paridera, es rigor;
 si estéril, nunca hay regalo;
 si come mucho, es muy malo;
 si nada come, peor.
 Si rica, ha de obedecerla;
 si es pobre, ha de sustentarla;
 si es hermosa, ha de celarla;
 y si es fea, ha de temerla.
 Y asi en la varia fortuna
 que ensena el norte de amor,
 imagino que es mejor
 no casarse con ninguna.

Esta serie de citações poderia ser levada muito longe, porque é grande o numero de bellezas que esmaltam ainda as peiores comedias de Mattos; mas, para dar uma idéa do seu agudo engenho, da sua facilidade e graça em manejar o idioma hespanhol, bastam as que acima transcrevemos.

Das cincoenta e tantas comedias de Mattos apenas se acham traduzidas em portuguez as seguintes: *Os dous prodigios de Roma*, *O bruto de Babilonia*, *O melhor par entre os doze*, *Só o piedoso é meu filho*, *O sabio em seu retiro*.

UMA OBRA DO SECULO IX

Começa na seguinte chronica a ordem dos romanos

1. Em Roma reinou primeiro Romulo XXXVIII annos. Este edificou Roma.

Tito-Tatio, Rei dos Sabinos, V annos.

Numa Pompilio, XXXII annos. Este foi o primeiro que ordenou o anno em XII mezes.

Tulo-Hostilio, XXXIII annos. Este foi o primeiro que vestio a purpura.

Anco-Marcio, reinou XXVIII annos.

Tarquino-Prisco, reinou XXXVIII annos. Este fez o Capitolio.

Servio-Tulio, reinou XXXVIII annos. Este foi o primeiro que estabeleceu o censo.

Tarquino o Soberbo, reinou XXV annos. Este foi expulso do reino, porque o mereceu.

Houve Consules por CCCLXXVI annos.

Os Decemviros I anno.

Desde Romulo e a fundação de Roma, até Cayo Julio Cesar, DCXCVI annos.

Primeiramente Cayo Julio Cesar governou IV annos. Este pelejou com Pompeyo pelo imperio.

Começa em seguida a VI idade.

2. Octaviano, reinou LVI annos. No XLII do seu reinado nasceu Christo. Este só, governou todo o Mundo.

Tiberio, filho de Gaio, reinou XXIII annos. No

XVIII foi crucificado N. S. Jesus Christo. Em quanto Tiberio por cobiça, captivava os Reis que se acolhiam a elle, apartavam-se muitas nações do Imperio Romano.

Gaio-Caligula, reinou IV annos. Foi avaro, cruel e escravo da luxuria. Por este tempo S. Matheos o Apostolo foi o primeiro que escreveu o Evangelho na Judea.

Claudio, reinou XIV annos. Nesta época entrou em Roma S. Pedro Apostolo, e S. Marcos escreveu o seu Evangelho em Alexandria.

Nero, foi muito cruel, reinou XIV annos, e entregou-se á luxuria. Pescava com redes de ouro. Neste tempo foram mortos S. Pedro e S. Paulo; um em uma cruz e o outro a golpes d'espada.

Vespasiano, reinou VIII annos, XI mezes e XXII dias; esqueceu as injurias, e no II anno do seu reinado, Tito apoderou-se de Jerusalem, onde morreram á fome e a cutiladas onze vezes cem mil judeos, e cem mil foram vendidos publicamente.

Tito, reinou II annos. Foi affavel, piedoso e amado dos homens.

Domiciano, irmão de Tito, reinou XVI annos. Ensoberbecido ordenou que lhe chamassem Deus, matou os Senadores e começou a perseguição contra os christãos. Durante o seu imperio foi o Apostolo S. João desterrado por quatro mezes para a ilha de Patmos.

Nerva, varão moderado no seu imperio, reinou I anno. No seu tempo o Apostolo S. João foi a Epheso: e recémchegado e a instancias dos Bispos da Asia, publicou o seu Evangelho.

3. Trajano, reinou XIX annos e VII mezes. Neste tempo morreu o Apostolo S. João.

Adriano, reinou XXI annos. Este restaurou Jerusalem, e por seu nome chamou-se Aelia.

Antonino o Piedoso, reinou XXII annos. Foi mui clemente, e mereceu o nome de Pai da Patria. Galeno, medico, oriundo de Pérgamo, floresce em Roma.

Antonino o menor, reinou XVII annos. Foi vencedor:

Commodo, reinou XIII annos.

Helvio Pertinaz, reinou contra sua vontade durante I anno, e recusou chamar esposa a Augusta.

Severo pertinaz, reinou XVIII annos. Neste tempo, Origines instruiu-se em Alexandria.

Antonino Caracalla, filho de Severo, reinou VII annos. Foi libidinoso, e desposou Nuberca.

Macrino, reinou I anno. Nada fez digno de memoria.

Aurelio Antonio, reinou III annos. Foi morto em uma sublevação militar, porque o merecia.

Alexandre, reinou XIII annos. Neste tempo brilhou Origines em Alexandria.

Maximiano reinou III annos, perseguiu os christãos.

4. Gordiano, reinou VII annos. Morreu por intrigas dos seus.

Filipo, reinou VII annos. Este foi o primeiro imperador christão; a sua conversão teve lugar no anno milesimo da fundação de Roma.

Decio, reinou I anno. Foi perseguidor dos christãos, e no seu tempo floresceu no Egypto Santo Antonio Monge, o primeiro fundador de Mosteiros.

Galo e seu filho Vilasiano, reinaram II annos

Valeriano com Galerio, reinou XV annos. Nesta época, S. Cipriano, Bispo, recebe a corôa do martyrio.

Claudio, reinou dois annos. Venceu os godos que assolavam a Iliria e a Macedonia.

Aureliano, reinou VI annos. Persegue os christãos, aprisiona o Rei dos Persas, e envelhece e morre na prisão pelo sentimento que lhe causou a sua deshonra.

Tacito reinou I anno.

Probo, reinou VI annos. Foi valente na guerra, e alcançou assignaladas victorias.

Caro, reinou II annos e, ferido d'um raio, morreu.

Diocleciano e Maximiano, reinaram XX annos. Diocleciano perseguiu os christãos, e foi o primeiro que mandou que no fato e no calçado se trouxessem pedras preciosas, pois até ali os Principes usavam unicamente a purpura. Havendo ambos deixado o imperio, viveram como particulares.

Galerio, reinou II annos.

(Continua.)

A roda que se pinta á fortuna deve de ser de engenho de nora, aonde os homens são alcatruzes, uns cheios, outros vazio, uns no fundo, outros no alto.

D. F. MANUEL.

A FORMIGA E A ARANHA

conto esthoniano

Os pastores haviam queimado o ninho da formiga, porque ella mordia os a todo o momento. A formiga, não podendo vingar-se d'elles, foi ter com o Senhor, e accusou os de desperdiçarem todos os dias muitas migalhas de pão; mas não fallou do formigueiro, porque sabia perfeitamente que por sua causa é que tinha sido queimado.

— Póde haver verdade no que me expões, disse Deus; mas não tens testemunhas do facto? É preciso que m'as presentes.

A formiga dirigio-se á aranha:

— Vinde comigo, minha irmã, necessito de uma testemunha no meu processo contra os pastores.

A aranha acompanhou-a ao céo.

— Será verdade, como o assegura a formiga, que os pastores todos os dias perdem pão? perguntou-lhe o bom Deus.

— É verdade, mas não o fazem de proposito; a culpa tem-na a formiga. que os não deixa socegar um momento: morde-os incessantemente, quer durmam, quer velem, quer andem, quer estejam parados.

— Disseste a verdade, e, para recompensar-te, quero prover-te de um fio que trarás sempre contigo e com o qual poderás subir ao céo, e descer quando te approuver. — Mas tu, invejosa formiga, que fazes mal aos teus visinhos e vens depois accusal-os falsamente, mereces outro premio.

E applicou-lhe sobre o espinhaço uma bengalada tão forte, que lhe entrou nas costas de modo que ficou, como a vemos, mais delgada no meio do corpo. (1)

(1) Extrahido do *Das Inland* (Interior do paiz), revista das provincias balticas da Russia.